

FICHA TÉCNICA

Título original: *Leave Me*

Autora: *Gayle Forman*

Copyright © 2016 by Gayle Forman

Os direitos da autora estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Anabela Macedo/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 422 381/17

1.ª edição, Lisboa, abril, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Cidade de Nova Iorque

Já era tarde. Maribeth Klein estava ainda a trabalhar, a acabar a página final das provas do número de dezembro, quando teve um ataque cardíaco.

Aquelas primeiras palpitações no peito, no entanto, foram mais uma espécie de peso do que uma dor, e ela não pensou imediatamente no *coração*. Pensou em indigestão, provocada pela comida chinesa gordurosa que tinha comido à secretária uma hora antes. Pensou em ansiedade, provocada pela enorme lista de afazeres do dia seguinte. Pensou em irritação, provocada pela conversa com o marido, Jason, que, quando ela lhe telefonara um pouco antes, estava a divertir-se a dançar com Oscar e Liv, apesar das queixas do vizinho de baixo, Earl Jablonski, e apesar de isso manter os gémeos acordados depois das oito, fazendo assim aumentar a probabilidade de um deles acordar durante a noite (e acordá-la a ela também).

Mas não o coração. Ela tinha quarenta e quatro anos. Andava excessivamente atarefada e cansada, mas mostrassem-lhe uma mãe que trabalhasse e que não se sentisse assim. Além disso, Maribeth Klein era o tipo de mulher que, quando ouvia cascos a baterem no chão, não pensava em zebras, nem sequer em cavalos. Pensava que alguém tinha deixado a televisão demasiado alta.

Por isso, quando começou a sentir o coração a contrair-se, limitou-se a desenterrar o frasco de pastilhas antiácido da secretária e a dissolver algumas na boca, desejando ao mesmo tempo que a porta do gabinete de Elizabeth se abrisse. Mas a porta manteve-se fechada enquanto Elizabeth e Jacqueline, a diretora criativa da *Frap*,

debatiam sobre se deviam alterar ligeiramente a capa, agora que as imagens de cenas de sexo da jovem atriz famosa que a adornava tinham aparecido na Internet.

Uma hora depois, a decisão estava tomada e a última das provas foi aprovada e enviada para a gráfica. Antes de ir embora, Maribeth passou pelo gabinete de Elizabeth para se despedir, do que imediatamente se arrependeu. Não só porque Elizabeth, notando a hora, comentou que Maribeth parecia muito cansada e ofereceu-lhe um *voucher* para ela apanhar um táxi para casa — um gesto de bondade que embaraçou Maribeth, embora não o suficiente para o recusar — mas também porque Elizabeth e Jacqueline estavam embrenhadas numa conversa sobre planos para um jantar e pararam de falar mal. Maribeth entrou no gabinete, como se estivessem a dissecar uma festa para a qual ela não tinha sido convidada.

Em casa, tombou num sono espasmódico, acordando com Oscar estendido na cama ao seu lado e já depois de Jason ter saído para o trabalho. E, embora se sentisse pior do que na noite anterior — exausta e com náuseas, devido à má noite de sono e à comida chinesa, supôs, mas também com o maxilar a doer-lhe, por razões que não compreendia, embora mais tarde ficasse a saber que esses eram de facto os sinais do ataque cardíaco em curso —, arrastou-se para fora da cama e lá conseguiu vestir Liv e Oscar e levá-los a pé ao longo de dez quarteirões até à pré-escola BrightStart, onde manobrou por entre as outras mães, que a encaravam com uma condescendência fria, porque, suspeitava Maribeth, ela só ia levar os filhos à escola à sexta-feira. Jason encarregava-se das outras manhãs (algo por que as mães da BrightStart praticamente o veneravam) para que Maribeth pudesse chegar ao trabalho suficientemente cedo para sair às quatro e meia da tarde.

— Um dia de trabalho curto — prometera Elizabeth. — Sextas-feiras livres. — Isso fora há dois anos, depois de Elizabeth ser nomeada diretora da *Frap*, uma revista nova (e bem financiada) sobre celebridades e moda, e esses foram os argumentos aliciantes que ela usou para atrair Maribeth de volta a um emprego a tempo inteiro. Bem, esses argumentos e o salário substancial, de que ela e Jason precisavam para pagar a pré-escola que os gémeos iriam

frequentar, cujo custo, Jason dissera a brincar, era «exorbitante ao quadrado». Nessa altura, Maribeth estava a trabalhar como *freelance* em casa, mas não ganhava nada que se parecesse com um salário de um emprego a tempo inteiro. Quanto ao emprego de Jason num arquivo musical sem fins lucrativos, bem, as mensalidades da pré-escola teriam levado metade do seu salário anual. Havia uma herança do pai de Maribeth, mas, embora generosa, só cobriria um ano, e se eles não arranjassem lugar numa escola pública (o que era menos provável, dizia-se, do que conseguir entrar em Harvard)? Precisavam mesmo do dinheiro.

Embora a verdade fosse que, mesmo que a pré-escola fosse grátis, como parece que era em França, Maribeth suspeitava que teria aceitado a proposta de emprego só pela oportunidade que lhe proporcionava de trabalhar finalmente lado a lado com Elizabeth.

O dia de trabalho com horário reduzido era afinal de oito horas, e muito mais longo durante o período do fecho de edição. Aquelas sextas-feiras de folga acabaram por ser o dia mais atarefado da semana. Quanto a trabalhar lado a lado com Elizabeth, bem, isso também não resultara como o esperado. Nada resultara como o esperado, na realidade, a não ser, talvez, a pré-escola. Era tão cara como tinham suposto.

Na hora de ler às crianças, Maribeth abriu o livro que Liv tinha selecionado cuidadosamente para a leitura daquele dia, *Lilly's Purple Plastic Purse*, e piscou os olhos quando viu as palavras a dançarem na página. Antes, nessa manhã, depois de ter tido vômitos, sugerira à filha que talvez devessem adiar a leitura até à sexta-feira seguinte, o que levou Liv a fazer uma birra. — Mas tu nunca vens à escola — tinha gritado a criança, a chorar. — Não podes quebrar uma promessa!

Conseguiu ler o livro todo, embora visse pela má cara de Liv que faltara brilho ao seu desempenho. Depois da hora da leitura, despediu-se dos gémeos e apanhou um autocarro para percorrer os dez quarteirões até casa, onde, em vez de ir para a cama, como lhe apetecia tão desesperadamente, foi ler os *emails*. Em primeiro lugar na fila estava uma mensagem, enviada para as suas contas, tanto a pessoal como a do trabalho, pela assistente de Elizabeth,

Finoula, perguntando se Maribeth podia fazer uma revisão de última hora ao artigo anexado. A seguir na sua caixa de entrada aparecia a lista de afazeres que ela enviara a si própria do trabalho na noite anterior. Continha doze itens, treze incluindo o artigo que Finoula acabara de lhe enviar. Embora geralmente evitasse adiar fosse o que fosse — quando o fazia, as suas listas desenvolviam metástases —, reorganizou mentalmente o seu dia, estabelecendo prioridades: o que não podia ser adiado (consulta ginecológica, contabilista, encontro com Andrea), o que podia (telefonema à terapeuta da fala de Oscar, lavanderia, correios, inspeção do carro) e o que poderia ser passado a Jason, a quem telefonou para o trabalho.

— Olá, sou eu — disse ela. — Achas que podes encarregar-te do jantar hoje?

— Se não te apetece cozinhar, mandamos vir de fora.

— Não podemos. É o jantar com os pais dos coleguinhas dos gémeos. Somos nós a recebê-los — recordou-lhe ela. Porque, embora estivesse no calendário e ela lho tivesse lembrado antes nessa semana e os jantares informais se fizessem de dois em dois meses há mais de quatro anos, ainda o apanhavam de surpresa. — E não estou a sentir-me grande coisa — acrescentou.

— Então cancela — disse ele.

Ela sabia que ele diria isso. Jason gostava muito de soluções fáceis. Mas a única vez em que alguém cancelara um daqueles jantares informais tinha sido logo a seguir ao furacão *Sandy*. E sim, ela sabia que não era ideia de Jason. Mas aderira àquele grupo quando os gémeos tinham seis semanas e ela se sentia arrasada com a exaustão daquilo tudo e incrivelmente sozinha por estar em casa todo o dia só com eles. E sim, talvez alguns dos pais fossem irritantes (como Adrienne, com as suas exigências alimentares em constante mudança para Clementine e Mo, baseadas em quaisquer estudos nutricionais que tivesse acabado de ler no jornal *The Times* — nada de laticínios, nada de glúten, agora era a dieta do Paleolítico). Mas aqueles tinham sido os primeiros pais com quem travara amizade. Mesmo que não gostasse propriamente deles, eram os seus camaradas de armas.

— Sinto-me arrasada — disse a Jason. — E é tarde de mais para cancelar.

— Só que eu tenho um dia louco — disse Jason. — Temos dezenas de milhares de ficheiros para transferir antes de atualizarmos a base de dados.

Maribeth imaginou um dia em que um dia louco a dispensasse de ter de tratar do jantar. Que a dispensasse fosse do que fosse. Gostaria de viver num mundo assim. — Não podes cozinhar tu qualquer coisa? Por favor. — *Não me digas que mande vir pizza*, pensou Maribeth, com o peito a contrair-se, embora não por causa do stresse, como julgou, mas devido ao engarrafamento do sangue na sua artéria coronária entupida. *Por favor, não me digas que mande vir pizza*.

Jason suspirou. — Tudo bem. Eu faço frango com azeitonas. Toda a gente gosta.

— Obrigada. — Sentia-se quase à beira das lágrimas de gratidão por se ver dispensada e residualmente furiosa porque estava sempre ao serviço.

Demorou um quarto de hora a percorrer os três quarteirões até ao café onde combinara encontrar-se com Andrea Davis, uma ex-colega da revista *Rule*. Apetecia-lhe cancelar esse encontro, mas Andrea, que era divorciada e tinha dois filhos adolescentes, estava desempregada agora que a revista de compras onde trabalhava deixara de ser publicada. Tal como a *Rule*. Tal como muitas das revistas em que ambas tinham trabalhado.

— Tens tanta sorte por estar na *Frap*, com a Elizabeth — disse-lhe Andrea enquanto tomavam café, cujo aroma estava a dar vômitos a Maribeth. — Está brutal no mundo do trabalho.

Sim, Maribeth sabia-o. Estava brutal. Ela tinha sorte.

— Já não é nada como na *Rule* — disse Andrea. — Lembras-te daquela altura a seguir ao 11 de setembro, quando cancelámos o número da revista e a refizemos do zero? Aqueles serões até tarde, nós todos a trabalharmos até tarde, o cheiro de plástico queimado no ar. Por vezes, penso que foram os melhores dias da minha vida. Não é marado?

Maribeth queria dizer que por vezes também se sentia assim, mas naquele momento faltava-lhe tanto o ar que mal conseguia falar.

— Tu estás bem? — perguntou Andrea.

— Estou a sentir-me um bocado mal — admitiu Maribeth. Não conhecia Andrea assim tão bem como isso, o que tornava mais fácil contar-lhe a verdade. — Tenho uns sintomas estranhos. Tipo dores. No peito. Sinto-me preocupada que possa ser... — Não conseguiu acabar a frase.

— Do coração? — interrogou Andrea.

Maribeth acenou com a cabeça ao mesmo tempo que o órgão aludido se contraiu novamente.

— Eu vou às Urgências pelo menos uma vez por ano, convencida de que estou a ter um ataque de coração. Até fico com a dor no braço e tudo. — Andrea abanou a cabeça. — Seja como for, não é nada. OK, alguma coisa é, é refluxo. No meu caso, pelo menos.

— Refluxo?

Andrea acenou com a cabeça. — Refluxo biliar. Um efeito colateral daquilo a que se chama stress. Já ouviste falar de stress?

É claro, era o stress. Fazia mais sentido. Mas a *Frap* tinha acabado de publicar um perfil de uma estrela da televisão de vinte e sete anos a quem tinha sido diagnosticada esclerose múltipla. «Nunca se sabe», tinha dito a atriz no artigo. E a seguir, há duas semanas, a mãe de Maribeth telefonou e mencionou que tinha sido diagnosticado um cancro da mama no estádio quatro à filha de trinta e seis anos da sua amiga Ellen Berman. Embora Maribeth nunca tivesse conhecido Ellen Berman nem a filha, sentiu-se muito triste por ela e suficientemente alarmada para marcar uma consulta ginecológica (e precisava realmente também de marcar uma mamografia; já não fazia uma há anos). Porque a atriz tinha razão: nunca se sabia.

E, de facto, Maribeth não sabia que naquele momento os tecidos do seu coração tinham começado a morrer por falta de oxigénio. Por isso, continuou com o seu dia. Prometeu a Andrea que perguntaria a Elizabeth se havia alguma vaga ou tinha sugestões e depois apanhou um táxi para o escritório do contabilista para entregar os recibos desse ano, para que a declaração de rendimentos — já adiada desde abril — pudesse ser preparada a tempo do prazo de entrega na semana seguinte. A seguir, apanhou um táxi para a parte

alta da cidade, para o consultório da Dra. Cray, porque, embora se sentisse estonteada e só lhe apetecesse ir para casa deitar-se, já estava seis meses atrasada para o exame ginecológico anual e não queria acabar como a filha de Ellen Berman.

E como não sabia que a exaustão que estava a sentir era o resultado da menor oxigenação do sangue que lhe corria nas veias, disse à enfermeira da Dra. Cray que estava a sentir-se perfeitamente bem, embora ela lhe tivesse medido a tensão e notasse que a sua pressão arterial parecia anormalmente baixa e lhe tivesse perguntado se não estaria desidratada. Talvez estivesse. Talvez fosse isso. Por conseguinte, aceitou um copo de água.

Não pensou no coração. E talvez nunca chegasse a fazê-lo se a Dra. Cray não tivesse perguntado a Maribeth se ela se sentia bem.

A pergunta em si era de rotina. Mas a Dra. Cray — que tinha assistido ao parto de Oscar e Liv e acompanhara Maribeth em tanta coisa — por acaso fez a pergunta quando estava a fazer-lhe o exame aos seios, no momento em que palpava com os dedos o seio esquerdo de Maribeth, mesmo por cima do coração, que já não lhe doía, mas que dava a sensação de estar contraído, como um tambor, uma sensação que lhe recordava a sua barriga de grávida, e Maribeth não teve outra hipótese a não ser responder: — Bem, na verdade...

Duas horas mais tarde, Maribeth estava a começar a entrar em pânico.

Depois de tentar sossegá-la dizendo-lhe que, provavelmente, não era nada, a Dra. Cray tinha metido Maribeth num carro de aluguer com motorista para as Urgências mais próximas e telefonara para o hospital a avisar da sua chegada. — É só para lhe fazerem uns testes, para jogar pelo seguro — tinha dito. Quando ela chegou, puseram-lhe uma pulseira de identificação, ligaram-na a monitores e levaram-na para uma unidade de observação cardiológica, onde foi examinada por uma série interminável de médicos, nenhum dos quais parecia ter ainda idade legal para beber, muito menos para praticar medicina.

No carro a caminho do hospital, Maribeth tinha telefonado a Jason para o trabalho, mas a chamada foi atendida pelo correio de voz. Lembrando-se de que ele lhe tinha dito que não estaria no escritório durante uma parte do dia, telefonou para o telemóvel dele, mas voltou a ser atendida pelo correio de voz. Era típico. Ele era alérgico a falar ao telefone. Maribeth não se deu ao trabalho de deixar mensagem. Afinal, estava num automóvel de aluguer com condutor, como o que a tinha levado para casa do trabalho na noite anterior. Na altura, pareceu-lhe razoável que tudo aquilo se resolvesse numa questão de uma ou duas horas.

Em vez disso, enviou uma mensagem a Robbie, que começara a tomar conta dos gémeos quando eles tinham um ano e Maribeth já tinha trabalho suficiente como *freelance* para justificar a contratação de uma ama. Nessa altura, Robbie era estudante de Teatro na Universidade de Nova Iorque, uma rapariga amorosa e criativa.

Agora já tinha o curso e era atriz de pleno direito, com uma agenda errática. Por isso, Maribeth não ficou completamente surpreendida quando ela respondeu à mensagem com: *Não posso. Recebi uma chamada!!!!!!* e uma série de *emoticons* a sublinhar a sua excitação. E a seguir acrescentou um *Desculpe*, com uns *emojis* de tristeza para indicar sucintamente que lamentava.

Eram quase duas e meia da tarde e daí a pouco seria a hora de saída dos gémeos sem ninguém lá para os ir buscar. Telefonou de novo a Jason. E voltou a ouvir a mensagem do correio de voz. Dessa vez não valia realmente a pena deixar mensagem. Ele não conseguiria chegar à BrightStart a tempo. E Jason tinha mensagens não escutadas no seu telemóvel que remontavam à época da última eleição presidencial.

Telefonou para a escola. Atendeu a rececionista, uma jovem bonita como uma modelo mas extremamente incompetente, que regularmente perdia impressos e cheques. Maribeth perguntou se seria possível Oscar e Liv ficarem até um pouco mais tarde nesse dia.

— Lamento, mas não disponibilizamos assistência depois do horário das aulas — disse a rececionista, como se Maribeth fosse alguma estranha a pedir informações e não uma mãe que já tinha os filhos na escola há mais de um ano.

— Eu sei, mas estou no, bem... Fiquei retida.

— As regras da BrightStart explicitam claramente que se deve vir buscar as crianças o mais tardar às três e meia — disse ela, com a ligação cheia de ruídos. A receção no hospital era terrível.

— Eu estou a par das regras, mas isto é uma... — Hesitou. Emergência? Parecia-lhe menos o seu coração do que um colossal desperdício de tempo. — Uma situação inevitável. Não poderei chegar aí até às três e meia, nem o meu marido ou a ama. Eu sei que as professoras ficam até mais tarde. O Oscar e a Liv não podem ficar a brincar a um canto? Suponho que não sou a única mãe a quem isto alguma vez aconteceu. — Embora, quem sabia? Talvez fosse. O bairro da zona de Tribeca onde ficava a escola e onde Maribeth vivia num *loft* de renda estável há mais de duas décadas tinha-se tornado uma das zonas mais caras do país. Às vezes, dava a impressão de que até as amas tinham amas.

A rececionista fez um som de desagrado e pediu a Maribeth para aguardar. Alguns minutos depois, voltou ao telefone e disse que uma das mães se tinha oferecido para levar os gémeos.

— Oh, OK. Quem?

— A Niff Spenser.

Estritamente falando, Niff Spenser não era mãe de atuais alunos da BrightStart. Tinha dois filhos que andaram na BrightStart, ambos agora numa escola básica, e um terceiro que entraria para a pré-primária no ano seguinte. Era voluntária no «ano de intervalo», como lhe chamava, para se «manter a par», como se a pré-escola tivesse uma curva de aprendizagem exigente que ninguém se podia dar ao luxo de descurar. Maribeth não a suportava.

Mas Jason não atendia o telefone e Robbie estava ocupada. Por instantes, pensou em Elizabeth, mas pareceu-lhe inapropriado, menos como telefonar a uma amiga do que à chefe.

Obteve da rececionista o número de telemóvel de Niff e enviou-lhe uma mensagem com o contacto de Jason, prometendo que ele iria buscar os gémeos antes do jantar. Enviou o contacto de Niff a Jason, disse-lhe que estava retida e pediu-lhe que combinasse a hora de ir buscar os filhos com Niff. *Por favor confirma que recebeste esta mensagem*, escreveu.

Recebi, respondeu ele.

E assim, sem mais, uma decisão pareceu tomar-se por si própria. Não contaria a Jason por que tinha ficado retida até tudo acabar. E se afinal não fosse nada, talvez nem lhe contasse sequer. O mais certo era ele não perguntar.

Maribeth olhou para o monitor que tinha no dedo. Um oxímetro de dedo. Recordava-se de ver o pai com um desses aparelhos depois de ele ter o enfarte. Os monitores que tinha colados ao peito estavam a fazer-lhe comichão; suspeitava que ia precisar de uma boa esfregadela nessa noite para remover a cola. — Desculpe — disse a uma das médicas das Urgências, uma jovem cheia de estilo com sapatos caros e pronúncia afetada. — Sabe quando poderei sair daqui?

— Acho que, tipo, mandaram fazer mais uma análise ao sangue — disse a médica.

— Mais outra. Porquê? Julguei que o meu eletrocardiograma estava normal.

— É o procedimento habitual.

Era mais para se precaverem contra processos judiciais ou para fazerem aumentar a conta. Em tempos, Maribeth tinha revisto um artigo a desmascarar os hospitais motivados pelo lucro.

Ao pensar nisso, lembrou-se do artigo que Finoula lhe tinha enviado. Já agora, podia riscar mais uma coisa da sua lista. Abriu-o no telemóvel. Era uma premissa interessante — sobre celebridades que exploravam as redes sociais para fins filantrópicos; Maribeth recordava-se vagamente de sugerir esse tema numa reunião de preparação de um número da revista — mas estava muito mal explorada. Usualmente, ao ler um artigo, Maribeth conseguia ver imediatamente quais eram os seus problemas de estrutura, de raciocínio ou de tom e saber como os resolver. Mas leu o artigo uma segunda vez, a seguir mais uma, e não foi capaz de obter uma perspetiva geral, de ver como poderia corrigi-lo.

O problema era o hospital. Não era propriamente um local de trabalho propício. Precisava de voltar para casa. Já eram quase horas do jantar. Jason já devia estar em casa com os miúdos. Poderia até começar a sentir-se intrigado, senão preocupado. Maribeth fechou o artigo e viu que tinha várias chamadas perdidas do telefone fixo de casa. Ligou e Jason atendeu quase imediatamente. — Maribeth — disse. — Onde estás?

O som da voz firme e sonante de Jason abalou algo dentro dela. Talvez por a voz dele ao telefone se parecer com a voz dele na rádio, ainda conseguia transportá-la de imediato vinte e cinco anos atrás, àquelas noites em que Maribeth e as suas amigas ouviam o seu programa Demo-Gogue na residência universitária e se perguntavam quem era ele (o seu nome na rádio era Jinx) e como seria realmente. — Apos-to que é feio como a noite — tinha dito a sua colega de quarto, Courtney. — Voz sensual, cara horrorosa. — Maribeth, que trabalhava no jornal da universidade, não tinha opinião quanto ao aspeto dele, mas tinha a certeza de que era um snobe insuportável, como todos os críticos de arte e de música no quadro do jornal. — Devias entrevistá-lo para descobrir quem é — tinha-lhe dito Courtney à laia de desafio.

— Onde estás? — repetiu Jason. Agora ela ouvia a irritação na sua voz. E depois ouviu a razão para isso. Em pano de fundo, ruídos de adultos e crianças. Muitas, muitas crianças.

O jantar informal. Nessa noite. Merda!

— Pensei que querias que eu fizesse o prato de frango, mas não temos frango em casa e as pessoas já chegaram — disse Jason.

— Vais trazer o jantar?

— Não. Desculpa. Esqueci-me.

— *Esqueceste-te?* — Agora Jason soava aborrecido. O que, supunha ela, era compreensível, mas não deixou de fazer com que sentisse nova contração no peito. Porque, realmente, quantas vezes é que Jason se tinha esquecido de alguma coisa, deixando-lhe a ela a resolução da confusão?

— Sim, esqueci-me — disse ela, num tom ríspido. — Tive outras coisas a ocuparem-me o pensamento, aqui presa nas Urgências toda a tarde.

— Espera lá. O quê? Porquê?

— Como eu estava com dores no peito, a doutora Cray mandou-me para o hospital para fazer uns exames — explicou Maribeth.

— Mas que raio? — Agora Jason soava furioso, verdadeiramente furioso, mas de uma maneira diferente de antes. Como se estivesse a pôr-se do seu lado contra alguém que estivesse a assediá-la.

— Provavelmente não é nada, deve ser stresse — disse ela, sentindo-se tola por lhe ter contado, e mais tola por lho ter contado por despeito. — Estou sob observação há horas.

— Porque é que não me telefonaste?

— Tentei, mas tu não atendias e, de qualquer maneira, julguei que já não estaria aqui agora.

— Onde estás?

— No Roosevelt.

— Queres que vá aí?

— Não com toda a gente aí em casa. Diz-lhes só que tive de trabalhar até mais tarde e depois manda vir piza. Vão dar-me alta daqui a pouco. — Bateu no peito com o punho, na esperança de que isso pudesse dissipar a dor que estava a voltar.

— Eu não devia estar contigo?

— Quando chegasses aqui já eu teria tido alta. Foi só um caso de azia levado demasiado a sério. — Em fundo, ouviu Oscar começar a chorar. — O que é que se passa?

— Parece que a Mo pegou no *Creepy Lovey*.

O *Creepy Lovey* era um ursinho de peluche todo desfigurado sem o qual Oscar não conseguia dormir. — É melhor tirar-lho — disse ela a Jason. — E posso falar com ele? Ou com a Liv?

Enquanto Jason tentava arrebanhar os filhos, o telemóvel de Maribeth emitiu aquele som dolente de estar nos últimos dez por cento de bateria e, alguns segundos mais tarde, emitiu mais um som triste e desligou-se.

— Eu volto para casa daqui a pouco — disse ela. Mas eles já não podiam ouvi-la.

Mais tarde, apareceu um médico com ar de avozinho, de laço às pintas. Apresentou-se como Dr. Sterling e disse a Maribeth que era o cardiologista de serviço. — Como havia um resultado anormal num dos seus ecocardiogramas, mandámos fazer uma segunda análise ao sangue, que revelou níveis elevados de troponina — explicou.

— Mas o ecocardiograma anterior estava normal.

— Isso não é atípico — respondeu ele. — O que eu suponho é que teve aquilo a que por vezes chamamos um enfarte *gaguejado*.

— Um quê? — perguntou Maribeth.

— Uma isquemia, que provavelmente decorre há cerca de vinte e quatro horas, que é a razão por que tem tido dores intermitentes, e agora os resultados das análises indicam uma oclusão total das artérias.

— Oh — disse Maribeth, esforçando-se por assimilar o que estava a ouvir. — Estou a ver.

— Por isso, vamos fazer-lhe um cateterismo para procurar quaisquer bloqueios subjacentes nas suas artérias coronárias e, se encontrarmos um bloqueio, colocaremos imediatamente um *stent*.

— Quando é que vai acontecer isso tudo?

— Sem demoras. Mal consigamos levá-la para cima.

— Agora? — Olhou para o relógio. Passava das sete. — É sexta-feira à noite.

— Tinha planos para ir a uma discoteca? — Ele achou graça à sua própria piada.

— Não. Só estava a pensar se poderíamos fazer isto, a tal coisa do *stent*, na semana que vem?

— Oh, não. Precisamos de atalhar antes que cause mais danos.

Danos. Não lhe agradava o som daquilo. — OK. Quanto tempo demora? Quer dizer, quando posso contar sair daqui?

— Ora, ora, tem sempre assim tanta pressa? — perguntou ele. Soltou novo risinho, mas dessa vez continha uma crítica, como se a mensagem implícita fosse *Estou a ver como é que veio aqui parar*.

Mas naquele preciso momento doze crianças de quatro anos andavam à solta no seu apartamento. Alguém teria de limpar tudo depois de eles irem embora, de encontrar as bolachas de água e sal que Mo encafuava sempre no armário ou as fraldas sujas que Tashi deixava sempre no caixote do lixo da cozinha (porque Ellery continuava a só fazer cocó em fraldas). Alguém teria de fazer panquecas com pepitas de chocolate para o pequeno-almoço de sábado e de se assegurar de que havia todos os ingredientes na despensa.

E esses eram só os afazeres para essa noite. Nos dias seguintes, alguém tinha de levar as crianças às aulas de *ballet*, aos treinos de futebol, às sessões de terapia da fala, aos encontros para brincar, às festas de anos. De as levar às compras para escolher os disfarces para o Halloween, ao pediatra para tomarem a vacina da gripe, ao dentista para fazerem uma limpeza aos dentes. Alguém tinha de planejar as refeições, comprar a comida, pagar as contas, verificar os extratos bancários. Alguém tinha de fazer tudo isso e ao mesmo tempo de trabalhar no seu trabalho propriamente dito.

Maribeth suspirou. — É que eu tenho uma casa cheia de crianças de quatro anos e um fim de semana muito atarefado.

Ele olhou-a fixamente por um longo momento, de testa franzida. Maribeth devolveu-lhe o olhar, já a não gostar nada dele, e isso antes de ele dizer: — Dá-se conta de que teve um ataque de coração?

Usando o telefone do balcão de enfermagem, ligou para Jason e a chamada voltou a ir parar ao correio de voz. Tão calmamente quanto possível, contou-lhe o que estava a acontecer: os exames,

o seu internamento nessa noite, provavelmente durante o fim de semana. Não disse as palavras *ataque de coração*. Não conseguiu. Nem disse que estava assustada. — Por favor, vem para cá mal possas — disse ao correio de voz dele.

Enquanto esperava, preencheu a ficha de admissão hospitalar. De certo modo, era uma atividade calmante, talvez por ser familiar. Fizera-o antes da sua cesariana, antes da operação ao ouvido de Oscar. Nome, morada, número de seguro de saúde, número da segurança social. Repetir. Havia algo *zen* naquilo. Até chegar à parte do historial médico da sua família.

Nunca sabia como preencher aquela parte. Ficara a saber que era adotada quando tinha oito anos, mas nessa altura tinha sido mais um elemento de informação identificativa: vivia em Maple Street; andava numa bicicleta azul da marca *Schwinn*; era a melhor a soletrar do terceiro ano; tinha sido adotada. Isso nunca lhe ocupara muito espaço mental até ela tentar engravidar, altura em que se colocaram muitas perguntas sem resposta: Alguém na sua família era português? Judeu? Cajun? Havia antecedentes de trissomia 21? Fenda palatina? Doença de Huntington? Casos de infertilidade na família? Bem, a essa última podia responder sem hesitação, pelo menos em relação à sua mãe biológica, mas tudo o resto era um mistério.

E depois os filhos nasceram e o mistério só se acentuou. Oscar era a cara chapada do pai, com os mesmos olhos da cor de avelã, o mesmo queixo fraco, mas aos dezasseis meses Liv tinha cabelo louro comprido, olhos verdes amendoados e uns modos perentórios, por vezes ditatoriais, que, dizia Jason na brincadeira, prenunciavam uma futura líder, uma Sheryl Sandberg ou mesmo uma Hillary Clinton. — Tens a certeza de que não foste inseminada com o óvulo errado? — mais do que uma pessoa tinha dito a brincar.

A piada magoava. Talvez porque Maribeth não sabia aonde Liv tinha ido buscar aquele cabelo de princesa ou aqueles olhos de esmeralda, muito menos o seu olhar intenso. Ver o pequeno *puzzle* genético que era a sua filha despertara em Maribeth,

senão exatamente tristeza, uma espécie de vago eco de pena. Mas não tinha tempo para cismar nisso. Porque, com gémeos...

Deixou os impressos em branco.

Jason entrou de rompante mesmo antes das dez. — Oh, Lois — disse, repescando uma velha alcunha que não usava há anos, o que foi a primeira pista para Maribeth de que também ele estava assustado. Conheciam-se há metade das suas vidas e, mesmo com o intervalo de dez anos, ainda eram capazes de encontrar os pontos vulneráveis um do outro às escuras. Além disso, Maribeth sabia que Jason ficava fora de si quando ela era hospitalizada. Fora também assim antes da cesariana, embora mais tarde ele lhe confessasse que não tinha sido tanto a cirurgia mas os pesadelos que andara a ter, nos quais ela morria durante o parto.

— Olá, Jase — disse ela em voz baixa. Queria dizer *Amo-te* ou *Obrigada por teres vindo*, mas, se o fizesse, achava que talvez desatasse a chorar. Por isso, perguntou-lhe onde estavam os filhos.

— Estão com o Earl.

No jogo das emoções, a irritação vencia a sentimentalidade. — Com o Jablonski? Estás a brincar comigo?

— Já era tarde.

— Então deixaste-os com o nosso vizinho de baixo, o vizinho misantropo e possivelmente alcoólico? Puseste-lhes tabuletas a dizer «Moleste-me»?

— Anda lá. O Earl é resmungão, mas não é mau tipo.

— Meu Deus, Jason. Porque é que não os mandaste com os Wilsons para casa deles? — Os Wilsons eram uma das famílias do grupo de pais que viviam na zona.

— Não pensei nisso — disse ele. — Como os gémeos estavam cansados, pedi ao Earl que fosse lá acima. Posso tentar ligar para os Wilsons agora, mas devem estar a dormir.

— Esquece.

Ele sentou-se na beira da cama. — Como é que te estás a sentir?

— Ótima. Só quero despachar isto. — Fez uma pausa. — Talvez devesses pedir aos Wilsons que fiquem com eles amanhã. A Liv e a Tess têm as duas *ballet*.

— Certo. *Ballet*.

— E o Oscar tem futebol.

— Depois resolvemos as coisas.

— Como? Não podemos contar connosco. Vais precisar de alguém que te ajude.

— OK, eu telefono aos Wilsons. — Pegou no telemóvel.

— Agora não. Já é tarde. Manda-lhes uma mensagem ou um *email* ou telefona-lhes de manhã.

Ele acenou com a cabeça. — E no domingo?

Eles tinham uma festa de anos no domingo. E a seguir Liv tinha um encontro para brincar e Oscar uma sessão de terapia da fala. Ela não queria ter de pensar sobre isso naquele momento. — Não sei, Jason.

— Podíamos mandá-los para casa da Lauren no fim de semana.

— Lauren era a irmã mais nova de Jason, que vivia perto de Boston com o marido e os quatro filhos.

— Como é que vão para lá? E como é que voltam?

— Eu podia pedir à Lauren que os viesse buscar. Ela sabe o que se passa.

— Contaste-lhe?

— Bem, contei. Telefonei-lhe quando vinha no táxi. Ela estava com o meu pai quando ele teve o ataque de coração. — O pai de Jason, Elliott, tinha tido um ataque de coração aos setenta e tal anos, quando coisas dessas eram de esperar. — Então, o que achas? A Lauren.

Ela pôs a cabeça entre as mãos. A logística dos fins de semana geralmente fazia-a sentir-se como uma espécie de controladora aérea, mas naquele preciso momento parecia-lhe que não conseguiria manter os aviões no ar. — Não sei. Podes poupar-me a tudo isso? Até isto acabar?

Ele indicou por gestos um campo de forças à volta dela. — Estás numa bolha.

Um auxiliar e uma enfermeira chegaram com uma maca.

— Quer um sedativo fraco? — perguntou a enfermeira.

— Preferia um forte — disse Maribeth com um humor seco.

Enquanto a preparavam para a transferir, Jason apertou-lhe a mão, dizendo-lhe que não se preocupasse, que tudo iria correr bem.

O que ele sempre dizia. Maribeth nunca acreditava realmente, embora dantes apreciasse o otimismo moderado desse sentimento; contrabalançava a sua propensão para, como dizia Jason, estar sempre à espera que o copo se esvaziasse.

Naquele momento, queria acreditar. Muito. Mas quando Jason se debruçou e a beijou na testa, ela sentiu que ele estava a tremer e teve de se perguntar se ele próprio acreditava.

Mas o sedativo começou a fazer efeito e tudo se tornou agradável e esfumado. Ouviu Jason dizer: — Amo-te. — Respondeu que também o amava. Ou achava que tinha respondido. Talvez só o tivesse imaginado.

Na sala do cateterismo, o ambiente parecia ligeiro, festivo, apropriado às onze horas de uma noite de sexta-feira. Os radiologistas e as enfermeiras diziam piadas e Maribeth observou tudo aquilo através de um nevoeiro de narcóticos. Sentiu uma pressão quando o cateter foi inserido, mas não o sentiu a subir até ao coração. Quando o corante foi libertado, teve uma sensação de calor, estranha, mas não completamente desagradável.

— Pode tossir, Maribeth? — pediu alguém.

Ela tossiu.

— Excelente.

Sentiu algo nesse momento, o que era estranho, porque não lhe tinham dito que não deveria sentir nada nessa altura?

— O que é que aconteceu? — ouviu alguém perguntar.

— A pressão arterial dela está a baixar! — foi a resposta.

O ambiente mudou tão rapidamente como uma nuvem a bloquear o Sol no verão. Tudo se passou depressa depois disso. Houve coros de alarme, uns movimentos sacudidos. Uma máscara em cima do seu rosto. Naquele momento final, antes de tudo ficar escuro, Maribeth pensou — menos com medo do que com uma espécie de espanto — como tudo podia tão facilmente deixar uma pessoa.